

# III Simpósio da Equidade Racial

Raízes que educam,  
vozes que transformam!



Realização: SEME, Escolas Municipais e EEFM Jerônimo Monteiro



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



## ENTRE O AXÉ E O ALTAR: O CRESCIMENTO DA PRESENÇA NEGRA NAS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Gabriela Cardoso Vieira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Advogada. Pós-graduada em Direitos Humanos. Graduada em História pela UFES. Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, Brasil;  
e-mail: [gabrielacardosovieiraadv@gmail.com](mailto:gabrielacardosovieiraadv@gmail.com);

### RESUMO

Este artigo investiga o fenômeno do crescente número de pessoas negras que aderem às igrejas neopentecostais no Brasil contemporâneo. Partindo da interface entre as Ciências das Religiões e os estudos étnico-raciais, busca compreender os sentidos dessa migração religiosa em um país de raízes afro-brasileiras, mas marcado pelo racismo estrutural. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, apoia-se em autores como Muniz Sodré, Ronilso Pacheco e Kabengele Munanga, articulando teoria e vivência para analisar as contradições entre fé, identidade e pertencimento. Os resultados apontam que o movimento das pessoas pretas rumo às igrejas neopentecostais expressa, simultaneamente, um desejo de acolhimento espiritual e de ascensão social, mas também evidencia o impacto da demonização das religiões de matriz africana. Conclui-se que compreender esse fenômeno é fundamental para pensar práticas religiosas antirracistas e uma teologia que abraça a negritude.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neopentecostalismo, População Negra, Religião, Identidade, Racismo Religioso.

### INTRODUÇÃO

Falar sobre fé no Brasil é falar sobre poder, memória e corpo. Desde o período colonial, as religiões de matriz africana foram perseguidas e marginalizadas, mesmo tendo sido elas que sustentaram o imaginário espiritual de um povo. Entretanto, observa-se nas últimas décadas um fenômeno curioso e complexo: o

# III Simpósio da Equidade Racial

Raízes que educam,  
vozes que transformam!



Realização: SEME, Escolas Municipais e EEFM Jerônimo Monteiro



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



aumento expressivo de pessoas negras que se identificam como evangélicas, especialmente nas igrejas neopentecostais.

Essa realidade, embora visível nas periferias, na mídia e nas estatísticas, ainda é pouco analisada sob a lente da negritude e da ancestralidade. Como explicar que corpos historicamente demonizados pelas igrejas agora encontrem nelas abrigo? O que significa, para um povo de axé, trocar o toque do tambor pelo som da harpa e do louvor?

A presente pesquisa nasce dessas inquietações, de quem observa e sente as fronteiras entre o sagrado e o social. O objetivo é compreender as razões que levam pessoas negras a aderirem às igrejas neopentecostais e os significados identitários e simbólicos dessa escolha.

Para tanto, articulam-se saberes das Ciências das Religiões e da História, dialogando com autores que tratam da fé como espaço de poder e resistência — como Muniz Sodré, Kabengele Munanga e Ronilso Pacheco. O artigo busca não apenas descrever o fenômeno, mas também pensar as dores e as potências que emergem quando o corpo negro atravessa os templos do cristianismo neopentecostal.

## METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa e bibliográfica, desenvolvida a partir da leitura crítica de obras que discutem a relação entre religião, raça e identidade no Brasil. Foram analisados textos clássicos e contemporâneos das Ciências das Religiões, da Sociologia e da Antropologia da Religião.

A abordagem segue o método interpretativo, considerando o discurso religioso como uma construção simbólica, como propõe Clifford Geertz. Também se considerou o conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu, entendendo a disputa entre as religiões como uma disputa de capital simbólico.

Foram examinadas produções acadêmicas, reportagens e depoimentos públicos de pastores e fiéis negros de igrejas neopentecostais, com o intuito de compreender os elementos discursivos que explicam a adesão e o pertencimento. A análise foi guiada pela perspectiva decolonial, reconhecendo que a fé também é um território onde o racismo e a colonialidade se reproduzem, mas onde também se constroem resistências.

# III Simpósio da Equidade Racial

Raízes que educam,  
vozes que transformam!



Realização: SEME, Escolas Municipais e EEFM Jerônimo Monteiro



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento bibliográfico confirma um crescimento expressivo da população negra evangélica. Dados do IBGE (2022) apontam que mais de 30% dos fiéis evangélicos se autodeclararam pretos, e entre os neopentecostais essa presença é ainda mais significativa nas periferias urbanas.

Os motivos para essa adesão são múltiplos. Muitos entrevistados em pesquisas qualitativas relatam encontrar nas igrejas um espaço de acolhimento emocional, apoio comunitário e sentido de dignidade. O neopentecostalismo, com seu discurso de prosperidade e empoderamento, oferece a promessa de ascensão simbólica e material.

Por outro lado, o discurso teológico dessas igrejas frequentemente reforça a demonização das religiões afro-brasileiras, alimentando o racismo religioso e o apagamento das origens africanas da espiritualidade brasileira. Termos como “quebra de maldição hereditária” e “espírito de escravidão” são usados para associar o axé ao mal, provocando rupturas identitárias profundas.

Contudo, o mesmo espaço também pode ser reapropriado e ressignificado. Pastores e teólogos negros têm construído uma teologia negra brasileira, que afirma que Deus é também um Deus de libertação para o povo negro. Assim, o fenômeno é ambíguo: é simultaneamente um processo de submissão simbólica e de resistência espiritual, no qual o sujeito negro negocia cotidianamente sua fé, seu corpo e sua história.

## CONCLUSÕES

O aumento da presença negra nas igrejas neopentecostais revela as complexidades das relações entre fé, raça e poder no Brasil. Esse movimento não pode ser reduzido a uma simples conversão religiosa, mas deve ser compreendido como um processo social e identitário, atravessado por exclusões históricas e por estratégias de sobrevivência.

Se por um lado essas igrejas reproduzem estruturas racistas, por outro também oferecem espaços onde pessoas negras encontram voz, pertencimento e visibilidade. Compreender essa ambivalência é essencial para pensar práticas religiosas antirracistas e para abrir caminhos de diálogo entre o axé e o altar.

# III Simpósio da Equidade Racial

Raízes que educam,  
vozes que transformam!



Realização: SEME, Escolas Municipais e EEFM Jerônimo Monteiro



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



Como mulher negra e pesquisadora, reconheço que a fé, mesmo quando ferida, continua sendo uma linguagem de cura.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Espírito Santo e aos professores que inspiram o estudo das religiões como campo de diálogo e resistência. Agradeço também aos terreiros e igrejas que, em suas diferenças, me ensinaram que o sagrado é sempre múltiplo, vivo e humano.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1998.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2008.

PACHECO, Ronilso. Teologia Negra: o sopro antirracista do Espírito. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2019.

PRANDI, Reginaldo. Herdeiros do Axé: sociologia das religiões afro-brasileiras. São Paulo: Hucitec, 1991.

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade. Petrópolis: Vozes, 1988.